

Brasília-DF



DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Haddad e o "bonitão"

Futuro ministro da Fazenda, Fernando Haddad tem feito tudo o que está ao alcance para uma boa convivência e sintonia com o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto. Mas, para manter tudo em paz, terá que segurar também a pressão pela ganância descontrolada, de forma a criar condições que evitem dar combustível à inflação e, conseqüentemente, o aumento de juros.

Fica esperto, Campos Neto

Uma turma do PT diz, desde já, antes mesmo da posse: que se o Banco Central de Campos Neto aumentar os juros para conter inflação, o partido terá a quem responsabilizar por problemas na economia.

Muita calma nessa hora

O governador Ibaneis Rocha não deixará o ministro da Justiça, Anderson Torres, "na chuva" só porque houve um pedido do PT. Afinal, o partido no Distrito Federal é adversário e Ibaneis venceu no primeiro turno. Não deve nada a Lula nem ao partido dele. Mais: antes de ir para a Esplanada, Torres foi secretário de Segurança do DF.

Melhor já ir se acostumando

Entre os aliados de Ibaneis, o que se ouve é que o futuro governo terá que se acostumar com manifestações pela capital, desde que os movimentos sejam pacíficos. Os mais irônicos ainda acrescentam: qualquer coisa, basta perguntar para Fernando Henrique Cardoso, que passou os oito anos ouvindo "Fora FHC" na Esplanada dos Ministérios.



Sem lua de mel

Os tropeços na negociação da PEC da Transição e a demora em acomodar os partidos aliados no futuro governo, ameaçam tirar do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva a janelinha para a lua de mel com o mercado, a trégua com a parcela da população que não votou nele e com uma parcela expressiva dos congressistas. De quebra, ainda não houve demonstrações claras de que ele caminhará na direção da união nacional propalada aos quatro ventos no discurso de campanha. Lula está mais para 2002, quando optou por atender primeiramente ao PT e suas tendências. Pelo menos essa é a leitura do meio político, depois de constatar que o Ministério da Educação, um dos principais da área social, ficará para o ex-governador do Ceará Camilo Santana (PT), e o Trabalho para Luiz Marinho (PT) — sem mencionar Fernando Haddad na Fazenda. Não houve

convites (ainda) aos integrantes de fora da órbita petista que deram a Lula a vitória nas urnas por uma pequena diferença de votos.

No mercado, a avaliação é de que ainda há tempo para tentar corrigir rotas e "descer do palanque". Mas, até aqui, o que se vislumbra é um futuro governo mais petista e uma PEC da Transição com muito além do necessário para o Bolsa Família.

» » »

Vale lembrar: no dia da eleição, esta coluna publicou o alerta do diretor do Instituto de Democracia e Assistência Eleitoral para América Latina e Caribe, Daniel Zovatto, de que "os ciclos políticos estão cada vez mais curtos" e quem vencesse teria a missão de unir o país. Se Lula reservar todo o filé do governo para o PT, essa união não virá.

CURTIDAS

Ed Alves/CB/D.A.Press



Primeiros acordos/ Até aqui, o futuro ministro da Defesa, José Múcio Monteiro (foto), conseguiu a proeza de apresentar resultados mesmo antes da posse. Quando foi convidado, convenceu Lula a não nomear uma "equipe de transição" para as Forças Armadas, algo que os militares não queriam. Depois, conteve os movimentos para saídas antecipadas de comandantes.

Próximos passos/ Agora, virá a missão mais difícil. Começar, com muito jeito, a negociar a saída da porta dos quartéis.

E o Cabral, hein?/ Os bolsonaristas se preparam para ir à tribuna, nesta última semana de funcionamento do Congresso do governo, para dizer que bastou Lula vencer para Sergio Cabral passar o Natal em liberdade. Obviamente, as duas coisas não estão relacionadas. Réu confesso da Lava-Jato depois de desfrutar de uma vida nababesca com dinheiro público, Cabral cumpria prisão preventiva há seis anos. Se alguém tem culpa por essa situação, é um sistema judiciário que abre brechas para essas decisões.

Por falar em Lava-Jato.../ O senador eleito Sergio Moro (União Brasil-PR) foi às redes sociais para se posicionar a respeito da soltura do ex-governador do Rio: "Sergio Cabral solto, a responsabilidade fiscal abandonada, estatais ameaçadas pela volta do loteamento político. Vivemos tempos desafiadores, nos quais a honestidade parece ter sido banida. Lutaremos no Senado para restabelecer a verdade e a justiça". Moro não parece ser um personagem a ser esquecido.

MOAI AWARDS

2022

